

A FILOSOFIA POLÍTICA DE ÉRIC WEIL

LA PHILOSOPHIE POLITIQUE D'ÉRIC WEIL

Mauro Cardoso SIMÕES¹

RESUMO

Este trabalho visa analisar a especificidade do modo filosófico de Eric Weil, no que se refere à categoria da razão como escolha razoável e saída da violência. Partindo desta reflexão, pretendo precisar o tema do Estado Mundial.

Palavras-chave: *violência, razão, razoabilidade, filosofia política, Estado mundial.*

RÉSUMÉ

Ce travail a l'intention c'est d'analyser la spécificité du mode weilien de philosopher, en ce qui concerne la raison comme choix raisonnable et sortie de la violence. A partir de l'analyse des catégories de la morale et de la société, nous avons l'intention de nous pencher sur le thème de l'Etat mondial.

Mots-clés: *violence, raison, raisonabilité, philosophie politique, État mondial*

O pensamento filosófico de Éric Weil ainda carece de familiaridade entre nós. Somos, no entanto, levados a uma meditação significativa dos núcleos fundamentais de seu pensamento, pela interpretação singular, dada por Marcelo Perine em sua obra: *Filosofia e Violência – Sentido e intenção da filosofia de Éric Weil*², preenchendo inauguralmente uma lacuna deixado pela reflexão filosófica sobre Weil.

Dentre as diversas obras do filósofo encontram-se as que aqui mais nos importam, *Logique de*

la philosophie (Paris, 1950), *Philosophie politique* (Paris, 1956) e *Philosophie morale* (1961).

Como minha intenção fundamental aqui é analisar a especificidade do modo filosófico de Weil, no que se refere à categoria da razão como escolha razoável e saída da violência, acredito que a disposição que Weil faz da *Logique de la philosophie*, que tem como título introdutório, *Philosophie et violence*, tem por meta levar ao centro do seu filosofar³. Segundo Perine “uma

⁽¹⁾ Mestre em Filosofia pela PUC-Campinas e Doutorando em Filosofia – UNICAMP. Professor do Curso de Filosofia da Faculdade Pe. João Bagozzi, da Faculdade de Filosofia São Boaventura, Fae Business School Centro Universitário e Unibrasil.

⁽²⁾ Cf. Marcelo PERINE, *Filosofia e Violência – Sentido e intenção da filosofia de Éric Weil*. (São Paulo: Loyola, 1987).

⁽³⁾ Para uma apreciação pormenorizada desta interpretação, ver: *Filosofia e Violenza - Introduzione a Éric Weil*, de L. Sichirollo.

leitura atenta da introdução revela que ali está contido todo o pensamento de Weil⁴.

Partindo da definição filosófica tradicional de que o homem é um animal dotado de razão e de linguagem, Weil medita sobre a *Filosofia e a violência*, que se configura como uma das três partes componentes da Introdução à *Logique de la philosophie*. As outras duas são, *Reflexão sobre a filosofia* e *Reflexão da filosofia*.

Weil reformula, no entanto, este conceito, afirmando que tal definição deve ser ampliada, de tal modo que se apresente como significando o ponto de vista da *realização*, e não da mera descrição de um fato para sempre dado.

Ele define o homem, então, não por aquilo que ele é, mas pelo que deve ser, ou seja, por aquilo que ele ainda não é. Neste sentido, a definição de homem aponta para a dimensão moral e política de sua constituição, mostrando que os homens não dispõem de razão e de linguagem razoável, mas devem dispor delas para serem plenamente homens⁵.

O homem é, assim, um animal como os outros, diferenciando-se pelo fato de que, além de necessidades ele tem desejos, os quais não são naturais, sendo necessidades que ele mesmo forma.

A insatisfação destes desejos faz com que o homem muitas vezes não saiba nem ao menos o que quer, o que deseja, sabendo, no entanto, o que não quer. E quando clareia esta realidade indesejada, é o único animal capaz de usar a linguagem para expressar a sua insatisfação e dizer não. Neste sentido sua linguagem não é apenas descritiva de uma realidade presente, mas o homem a utiliza para expressar o que ainda não é e o que já não é mais.

O homem se distingue, então, dos outros animais, porque procede à transformação por meio da palavra. O homem não só procura transformar a natureza por meio da palavra, como busca também transformar a maneira de transformá-la⁶.

Neste ponto chegamos à ampliação do conceito de razão, sendo esta entendida como

razoabilidade, ou seja, como discurso coerente. O homem não é nunca pra razão, ele nunca será mais que razoável. Assim, a razão se encerra dentre as possibilidades para o homem, não se constituindo um, para sempre, mas surgindo como uma das saídas da violência. Neste sentido o problema da escolha é posto como escolha razoável, pois a definição do homem por aquilo que ele deve ser, o seu desejo último, revela que o que se busca é o contentamento, ou o mesmo, o fim do descontentamento.

A origem do discurso e da filosofia está no desejo e na negatividade primitiva, e estes não se inscrevem no reino das necessidades, mas das possibilidades. A razão e a linguagem são, então, uma possibilidade para o homem e para a filosofia que busca ensinar o homem a usar razoavelmente a razão.

Para Weil a filosofia começa com uma escolha, a vontade de compreender e justificar a própria vida racionalmente. Dessa escolha se destaca uma outra possibilidade, que se ignora como possibilidade; “a existência daquele que vive e que fala sem procurar justificar para si mesmo, e para os outros, seu modo de viver”⁷.

Para Weil, a realidade no interior da qual se desenharia a possibilidade da linguagem razoável é a violência. O questionamento acerca desta afirmação tão enfática dá a Weil a oportunidade de asseverar que somente através da linguagem a violência surge.

Segundo Weil “A linguagem não é, ela se cria; ela não é a minha ou a tua, nem mesmo a nossa; eu, tu e nós, tudo isso é posterior (logicamente) à linguagem; a linguagem não é o ‘contrapeso’ da realidade; a realidade e o discurso, que lhe corresponde, se separam somente nela”⁸.

O homem é então, enquanto dotado de fala, o único animal capaz de revelar a violência, dado que o único a procurar sentido para sua vida.

A razão tem, então como anterior a si, a liberdade de escolha. Esta anterioridade, entretanto, só existe do ponto de vista da razão. A liberdade

⁽⁴⁾ Cf. Marcelo PERINE, *Filosofia e Violência – Sentido e intenção da filosofia de Éric Weil*. (São Paulo: Loyola, 1987).

⁽⁵⁾ Éric Weil. *Logique de la Philosophie* (Paris, Vrin, 1967), Introduction, passim.

⁽⁶⁾ Éric WEIL. *Philosophie Politique* (Paris, Vrin, 1984), 78.

⁽⁷⁾ Jean-François Robinet, *Le Temps de la Pensé*. (Paris, P.U.F., 1998), 278.

⁽⁸⁾ Eric Weil, *Logique de la philosophie* (Paris, Vrin, 1967), 420.

que escolhe entre a razão e a violência, e que se faz sem referência à razão constituída, funda a razão. Assim, o homem que escolhe a razão livremente, teria podido optar pelo oposto da razão, a violência. A violência não se mostra nos embates sangrentos, sendo sim sua forma mais espetacular. A violência está presente na não busca de justificação da vida, sob a tutela da razão. Weil define, então, a tarefa da filosofia: “empreendimento de todo homem que em seu mundo procura orientar-se, procura o sentido que se opõe à violência”⁹.

A razão e a violência só se separam depois da opção do homem pela razão, pois só existe violência se existe razão e do ponto de vista da razão. Do mesmo modo só existe o insensato do ponto de vista do sentido.

Não sendo essencialmente razão, o homem é naturalmente violento, e o que Weil se esforça em mostrar é que o homem pode voltar à violência, da qual se desligou pela escolha livre da razão.

Analisar o homem do ponto de vista daquilo que deve ser, é analisar o percurso histórico traçado pelo homem em busca da vitória sobre o descontentamento e de sua oposição à violência.

Neste sentido a filosofia não se alimenta de si mesma, não tem matéria independente. Deve-se elevar à categoria discursiva a vida dos homens nas suas mais variadas peculiaridades. Obtém-se assim um entrelaçamento de filosofia e história. *Primum vivere, deinde philosophari* (primeiro viver, depois filosofar). A filosofia é o esforço do homem, num momento da história, para compreender sua vida e sua linguagem.

Partindo desta reflexão, pretendo analisar o tema do *Estado Mundial*, o qual ainda não foi suficientemente tratado até o presente, exceção feita à Dominique Dubarle¹⁰.

Selecionei a terceira e quarta parte da *Philosophie Politique*, que mais particularmente investiga a configuração do Estado Mundial, devido à sua coerência e pelo fato de que, precedido pela análise da *moral e da sociedade*, encontra no

Estado mundial a categoria política mais concreta, a partir da qual as categorias precedentes aparecem como abstratas, necessárias sim, à reflexão, mas somente se direcionada pela articulação diferenciada, nos permite compreender a realidade complexa na qual nos inserimos.

Atual na abordagem das questões das relações internacionais, Weil nos fala de um dos mais urgentes temas de sua época, a guerra entre Estados, acontecimento que ameaçou e continua ameaçando os homens em todos os momentos da história e mais particularmente do nosso século.

WEIL E O ESTADO MUNDIAL

Pressupondo que o Estado Mundial não tem unicamente um fundamento histórico e político, o Estado Mundial em Weil, aparece no conjunto de *Philosophie Politique* devedora de um fundamento que se encontra no interior de seu sistema filosófico: a *Logique de la Philosophie*. É justamente a partir daí que Weil descreve a idéia da escolha radical da razão, e é neste caminho que descreve as figuras do sentido nos quais os homens crêem encontrar uma satisfação definitiva. A razão surge conscientemente na categoria de *discussão* como confrontação de interesses particulares no interior de Estados e de cidadãos civilizados, devido à exclusão da violência de suas relações.

É a categoria de *sentido* que funda a cidade em que a humanidade se dialoga. E o sentido é o laço tênue e totalmente formal que une os homens dessa cidade. Ele é o fundo da humanidade que permite aos homens se reconhecerem através da formidável diversidade individual e coletiva. A categoria de *sentido* funda a idéia filosófica, não dogmática, de uma humanidade *única*. Ela dá a justificação última da idéia weiliana de Estado Mundial.

Para Weil, outra categoria fundamental para se compreender o Estado Mundial, é a categoria da *Ação*. É pela *Ação* que se pode compreender a intenção última do político, *Ação* esta que possibilita visualizarmos o *dever* atual do Estado

⁽⁹⁾ Jean-François Robinet, *Le Temps de la Pensé*. (Paris, P.U.F., 1998), 279.

⁽¹⁰⁾ Cf. Dominique Dubarle, “Totalization terrestre et devenir humain”. In: *Archives de Philosophie* 33 (1970): 527-545.

Mundial através dos atores políticos, sejam eles chefes de Estado ou funcionários internacionais.

Temos que lembrar a distinção entre o filósofo e o político, pois o filósofo só é político acidentalmente. O homem político para Weil é o homem de governo. E o governo no Estado é a esfera da ação, sendo quem decide, e sua autoridade repousa na aceitação ativa de sua política pelos cidadãos, o que equivale afirmar que governar o Estado é governar a discussão instaurada no seio da comunidade política.

A qualidade específica do homem de Estado saber discernir o essencial antes que uma crise torne difícil ou impossível a conciliação dos interesses materiais da comunidade com a preservação de seus valores fundamentais. E um de seus valores principais consiste em arrancar a comunidade do inconsciente do sentimento moral, que a constitui, e fazê-la passar à consciência da vontade política, pela qual ela age.

Já o filósofo, não sendo homem da política, age não só sobre a comunidade política, mas também sobre os atores políticos, tornando possível o quadro geral de sua ação e definindo positivamente o sentido da ação propriamente política.

Assim, o filósofo cria as condições de possibilidade de uma ação sensata e não violenta. Uma tarefa que faz a história dar à luz uma versão não-violenta da ação, ou seja, uma versão propriamente política da ação.

Eric Weil recusa, no entanto, designar um Estado particular que teria a vocação de educar a humanidade. O Estado Mundial é uma forma racional que remete as comunidades históricas aos seus sentidos particulares, sob a condição de respeitar a liberdade geral.

Longe de ser um sonho de filósofo, uma utopia, o Estado Mundial é a tarefa política de nosso tempo.